



Nesse momento estamos nos debatendo com velhos dilemas, como o racionamento financeiro de investimento das companhias. Porém, no curto e médio prazo, a tendência é que as tecnologias mudem a forma de pensar do setor elétrico

POR EDUARDO JOSÉ BERNINI\*

# #2015

Recentemente, participando de um balanço geral do setor energético brasileiro, compartilhei com interlocutores dois pensamentos fugidios. O primeiro é que o surrealismo foi superado pela realidade. O segundo decorre da convicção de que duas frases de Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, definem melhor do que milhares de imagens o que se passa no Brasil contemporâneo: “o Brasil não é para amadores” e “não se preocupe, não há a menor possibilidade de dar certo”.

Comprovando que a arte de entender o Brasil não é obra para amadores, em meados de junho, o boletim para assinantes Setor Elétrico: Fatos e Tendências, editado pela MMA Comunicação de Negócios, fez, na seção um “Passo à Frente”, um balanço dos temas que se encontram pendentes de endereçamento, como o dialeto corporativo gosta de dizer, o que trouxe para o plano do consciente, a grandiosidade da tarefa (ainda sem código de endereçamento postal). Levou à constatação, também, de como a memória, nesses tempos de velocidade acelerada e absurda interatividade, é algo irresponsavelmente volátil. A célebre frase de Ivan Lessa, de que o Brasil a cada 15 anos esquece os últimos 15 anos, não é mais verdadeira: bastam 15 dias para esquecer os últimos 15 dias...

Em razão de um desses temas pendentes de endereçamento, um dos meus interlocutores propôs fazer uma manifestação na Alameda Santos, em São Paulo, algo que, deixando a imaginação correr solta, me pareceu em parte condizente com o surrealismo do momento e que poderia trazer indiretamente um benefício para a limpeza urbana, caso alguns sacos de lixo fossem queimados, de forma pacífica e ordeira. De qualquer forma, o desestimulei prontamente, pois me pareceu que estava falando a sério... Os problemas de mobilidade urbana já são complexos demais para mais essa complicação.

Quanto às frases de Tom Jobim, começando com o fato de que realmente o “Brasil não é para amadores”, cabe um pouco mais de reflexão. Evitando cair na armadilha da velha piada sobre a razão de Deus ter colocado tantos recursos naturais e tanta beleza em uma única região, é impossível não concordar que a capacidade da



**As rupturas tecnológicas não ocorrem de forma súbita. São camadas e camadas que vão se acumulando**

sociedade brasileira de complicar e embolar seu destino vai muito além do que a ciência política, a sociologia de massas e todos os eruditos juntos são capazes de explicar. E, humildemente, me resguardo dessa missão, permitindo apenas assumir um heterônimo filósofo de botequim.

Em mais de trinta anos (esta noite) de militância profissional no setor elétrico, a palavra crise esteve em tantas manchetes e lides que os breves momentos de “centimetragem” positiva ocorreram em função dos períodos em que alguma solução foi “endereçada”, não por conta de um cenário estável e previsível, a tal agenda positiva, mas como uma espécie de refilmagem permanente do clássico “A Volta Dos Que Não Foram”, um preâmbulo para a nova “crise”. Por isso, mais um ponto para o Tom Brasileiro de Almeida: “não se preocupe, não vai dar certo”. Esse tom sombrio, fora do tom otimista e inzoneiro com que nós brasileiros nos enxergamos, cheio de jeitinhos que tornam o Brasil um território adverso ao amadorismo globalizante, tem sua razão de ser.

Enquanto uma parte do mundo está engajada em uma nova revolução “industrial” (e que não é só “industrial”: é nos serviços, no comércio, até mesmo na essência da organização social, econômica e política), apoiada em avanços em ciência aplicada, tecnologia e redes de comunicação, na

forma de um modo de produção que não consta ainda de nenhum livro texto, mas, que, aparentemente, só irá se revelar para nós, “brazucas”, quando talvez seja tarde demais para acompanhar o novo mundo que está emergindo da crise mundial desta década perdida, dando razão a quem acredita que já existem “novos emergentes” (os mesmos de sempre) em lugar dos “velhos emergentes” (nós).

### Um novo dilema

Estamos nos debatendo com velhos dilemas, como o racionamento financeiro que está incapacitando nossas utilities (não só as elétricas) de investir na modernização de fato das redes de serviços públicos urbanos, como energia elétrica, telecomunicações, água, esgoto, drenagem urbana e todas as formas de mobilidade urbana. É um filme antigo, nada clássico, mas que conhecemos seu final, como conhecemos o resultado dos anos de chumbo (econômico) da economia em marcha forçada dos anos 1970. Nada mais triste do que um Déjà Vu infeliz. E é contra a natureza em não se preocupar, mesmo sabendo que não vai dar certo.

Enquanto isso, o etanol de 2ª e 3ª geração, os carros híbridos ou



eletricamente puros, a acumulação de energia, na forma de bancos de baterias eficientes, o mundo solar, a geração distribuída de energia elétrica e, sobretudo, a integração entre fornecimento de energia elétrica e de telecomunicação em padrões de qualidade e confiabilidade sequer imagináveis diante da nossa realidade, avançam, em torno de conceitos e aplicações realmente “inteligentes”.

Fornecem exemplos de como a combinação entre economia criativa – na definição de John Howkins, “atividades que resultam no exercício da imaginação explorando seu valor econômico na criação, produção e distribuição de produtos e serviços, usando o conhecimento, a criatividade e o capital intelectual como recursos” – e novas tecnologias de automação na manufatura, como as impressoras 3D, estão descentralizando a produção e tornando os exércitos de reserva de mão de obra barata, uma vantagem comparativa com prazo de validade por vencer em prazo muito curto. Estão mudando, de forma radical, conceitos como economia de escala, logística e competitividade (algo em que até os chineses, com sua sabedoria milenar, já estão se engajando). Os subsídios, desonerações e protecionismo não irão anular esses efeitos; só servirão para dar mais trabalho às agências de rating.

Para quem não gosta da *The Economist* – e suas capas e editoriais bem humorados – recomendo a leitura de dois artigos publicados pela Deloitte University Press: “The math does not lie – Factoring the future of the U.S. electric power industry” e “Beyond the math – Preparing for disruption and innovation in the electric power industry”, ambos escritos por Gregory Alif. Destaco apenas um trecho das conclusões: “a confluência de novas tecnologias e o crescimento da demanda dos consumidores por novos produtos [e serviços, crescimento] indica o alto potencial para a introdução de inovações [que rompem os antigos padrões] no setor elétrico e o advento de um novo modelo de negócio para o atendimento das necessidades e demandas dos consumidores. Em face desse pano de fundo, uma questão razoável que se coloca aos executivos e conselhos de administração que é avaliar a capacidade das empresas [concessionárias

ou operadoras] e de seus recursos para conduzir a transição para um novo modelo de negócio – e se o tempo [necessário à transição, destaque] está ao seu alcance”.

Muitos poderão argumentar que é conversa de consultor. Pode ser. Mas, se essa é uma pergunta – e uma dúvida razoável – para as utilities norte-americanas, é inevitável o temor de que as utilities, os formuladores de políticas públicas e reguladores ao sul do Rio Grande – ainda tão entretidos e enredados com temas do passado – não estejam alertas e operantes para entender (e agir) diante um novo modelo de negócios que pouco terá de similaridade com o passado. Está na hora de discutir a relação e abandonar a velha calça jeans, azul e desbotada.

As rupturas tecnológicas não ocorrem de forma súbita. São camadas e camadas que vão se acumulando. Seus sinais são fracos a princípio, mas vão se intensificando até se tornarem ensurdecedores. Esta coluna tem se dedicado, ao longo dos últimos anos, em chamar a atenção para muitos desses sinais esparsos.

Pyotr Ilych Tchaikovsky compôs em 1882, a “Abertura Solene para o Ano de 1812”, em comemoração aos 70 anos do fracasso da invasão francesa à Rússia e a derrota do “Grande Armeé” napoleônico, conhecida popularmente pelos canhões (ou pelos tímpanos que fazem o papel de canhões nas salas de concerto, uma vez que não é educado disparar canhões ou foguetes de sinalização em ambientes fechados).

Talvez seja um bom “ringtone” para um #2015, que nos desperte para quando este longo 2014 terminar. Afinal, parafraseando Álvaro de Campos, meu heterônimo favorito do velho Pessoa, embora não substituam a cabeça, smartphones e redes sociais deveriam servir para alguma coisa realmente útil. “E há um certo prazer até no cansaço que isso nos dá, afinal a cabeça sempre serve para qualquer coisa”. ■

---

**\*Eduardo José Bernini, 56, apesar de tudo, continua um brasileiro inzoneiro e otimista, que nos momentos de reflexão não deixa de ler Fernando Pessoa.**